

Um diálogo sem voz

••• Jonas Savimbi em excursão pré-eleitoral pela província portuguesa dos empresários diligentes. A Quimera do Ouro em discurso de paz. As promessas a curto prazo. A sageza. A aclamação.

Na grande corrida internacional para a Angola prometida da paz e da riqueza fabular não sei bem o lugar que nos vai caber como integrantes ou como independentes do Clube da CEE. Sei apenas que Jonas Savimbi lançou na mesa, como um *best*, o trunfo da língua portuguesa e que os parceiros cá da casa receberam o lance como um aparte mais ou menos retórico a que só ao Governo caberia responder. Qualquer suporte cultural, mecenato ou contrapartida empresarial, estaria fora dos encartes.

É que, mesmo por retórica ou efeito diplomático, o apelo à língua portuguesa na Angola do futuro não representa apenas um desafio urgente à nossa Cultura. Obriga também a um não menos urgente posiciona-

mento dos nossos empresários frente a um país com o qual se pretendem entender.

Sabem, os que esse investimento cultural é um encargo pesado: ainda há três anos vi em Angola cooperantes búlgaros a ensinar português e soube da penetração acelerada que a Aliance Française ali vem exercendo. Mas na mesma altura a produção dos nossos editores que conseguia chegar aos livreiros de Luanda esgotava-se em poucos dias e a gramática e os dicionários eram espécies em extinção nas escolas e no mercado.

Sem o livro e uma voz comum, qualquer tipo de diálogo que queiramos estabelecer com Angola fica desprotegido e a nossa projecção histórica também. Na verdade, nesta data em que comemoramos os Descobrimentos, que projecto cultural guardamos nós para a Angola que descobrimos?



A MOSCA

José Cardoso Pires